

## LITERATURE, TRANSLATION AND MATHEMATICS LITERATURA, TRADUÇÃO E MATEMÁTICA

Martha Lucia Pulido Correa<sup>1</sup>  
Mary Anne Warken Sobottka<sup>2</sup>  
Beatrice Távora<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste artigo colocamos em relação três disciplinas que aparecem como irreconciliáveis – Matemática, Literatura e Tradução –, com o objetivo de demonstrar como diferentes áreas do conhecimento transcendem seus próprios discursos, provocando uma extensão dos seus saberes em direção a outros campos de saber; uma maneira de continuar a existência sob novas formas discursivas. Existem inteligências matemáticas que criam literatura, e que escrevem poesia. Existem inteligências literárias que traduzem textos matemáticos, e que comentam e traduzem textos científicos. Propomos dar visibilidade a esses fenômenos associados graças à tradução.

**Palavras-chave:** Tradução. Matemática. Literatura.

### RESUMEN

*En este artículo ponemos en relación tres disciplinas que parecen irreconciliables –Matemáticas, Literatura y traducción–, con el objetivo de mostrar cómo diferentes áreas del conocimiento trascienden sus propios discursos, provocando una extensión de sus saberes hacia otros campos de saber; una manera de continuar su existencia bajo nuevas formas discursivas. Hay inteligencias matemáticas que crean literatura, y que escriben poesía. Hay inteligencias literarias que traducen*

<sup>1</sup> Professora Visitante Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC); Professora Titular Universidad de Antioquia.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), Bolsista CAPES.

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), Bolsista CAPES.

*textos matemáticos, y que comentan y traducen textos científicos. Nos proponemos hacer visibles estos fenómenos que la traducción permite asociar:*

**Palabras Clave:** Traducción. Matemáticas. Literatura.

### **ABSTRACT**

*In this paper we are establishing a relationship among three areas of study that seem incompatible: Mathematics, Literature and Translation. Our objective is to show how different areas transcend their own discourses, motivating an extension of their knowledge towards other domains. It is a manner of continuing their existence under new discursive forms. There are mathematical minds that create literature, that write poetry. There are literary minds that translate mathematical texts, and that comment and translate scientific texts. Our purpose is to give visibility to these phenomena associated thanks to translation.*

**Keywords:** Translation. Mathematics. Literature.

## **INTRODUÇÃO**

As reflexões matemáticas e científicas na literatura não são poucas. E quando falamos de literatura, falamos também, inevitavelmente, de tradução. Essa reflexão motiva o horizonte interdisciplinar próprio do pensamento tradutológico, fato que corroboraremos apresentando aspectos pontuais em três casos selecionados para esse efeito. Antes de entrar na matéria, mencionemos, como exemplo, Ricardo Piglia e Alice Munro, dois autores que colocam em relação as três disciplinas em questão neste artigo.

O escritor argentino Ricardo Piglia (1941-2017), no livro *La ciudad ausente*, de 1992, traz a história de uma máquina de traduzir, inventada por um engenheiro. Para testá-la, o personagem introduz o conto “William Wilson”, de Edgar Allan Poe. Essa obra, originalmente escrita em inglês, narra a história do estudante William Wilson, que na faculdade, encontra um sócio. Esta história é introduzida na máquina e o resultado é “Stephen Stevenson”, uma outra história que Piglia já tinha narrado, em 1988, no livro *Prisión perpetua*. O narrador da obra de 1988 afirma nos seus diários – que são encontrados na casa de escritores e tradutores em Saint Nazaire, onde ele residia –, ter encontrado os diários de Stephen Stevenson e ter realizado a tradução para seus leitores hispano falantes. Ao longo da história, esse narrador vai percebendo com horror que ele não é mais que um sócio da personagem cuja história está traduzindo. A máquina de traduzir terá que esperar até o livro de 1992 para ser criada. Essa original máquina de traduzir assimila as narrações que são introduzidas em seu sistema, estabelece relações entre personagens e fatos e produz outras histórias novas ou já narradas ou variações da mesma história, na mesma língua ou em outras línguas. A

máquina parece ter vida de personagem principal. Um pouco depois, em *La ciudad ausente*, um professor de matemática, que também é músico, tem uma filha que está perdendo a linguagem. A filha é tratada por médicos sem sucesso; o pai inicia um novo tratamento com um professor de canto, e a menina parece melhorar um pouco. Depois, o próprio pai decide tratá-la, contando-lhe uma história, sempre a mesma história com variações, com o fim de criar uma sintaxe para ela. Se trata de uma história do século XII, contida na *Chronicle of the Kings of England* de William de Malmesbury. Um jovem acaba de se casar. Durante a festa coloca o anel nupcial no dedo de uma estátua de bronze que está no jardim por medo de perdê-lo. Mais tarde, quando tenta abraçar a nova esposa, percebe uma força que lhes impede de se aproximar. Essa força é a estátua de bronze do jardim. Cada noite, o pai, professor de matemática, introduz uma variação na mesma história, até que a filha consegue narrar ela mesma a história. O matemático confirma, assim, a sua hipótese: a cura sintática pode se dar com a repetição. Ele faz com que a repetição funcione como uma fórmula, um código, que vai construindo uma sintaxe no cérebro da filha, como o procedimento da máquina de traduzir.

Alice Munro (1931-) é canadense e escreve em inglês. Seu livro de contos *Felicidade demais*, foi traduzido para o português em 2014 por Alexandre Barbosa de Souza. O conto “Felicidade demais”, que dá nome ao título, narra a história de uma mulher russa, Sophie Kovalévskaya (1850-1891), a primeira professora de matemática numa universidade europeia, que em 1888 obteve o prêmio da Academia de Ciências de Paris, por sua “Teoria das equações diferenciais”.<sup>4</sup> A autora canadense escreve um relato histórico, que contém também informação científica. Ela introduz o leitor no mundo emocional de Sophie, escritora também ela, leitora de Heine, o poeta alemão, lembrando a cada instante de suas conquistas acadêmicas e científicas. No conto, Alice Munro, registra as arguciosas resoluções de equações de Sophie bem como as angústias, alegrias, e sentimentos próprios de uma amante, de uma irmã, de uma mãe, dando a conhecer as dificuldades para conciliar o que aquela sociedade espera de uma mulher – beleza, obediência, humildade, fragilidade –, por uma parte, e por outra, de uma mente científica – firmeza, altivez, imponência, orgulho. A vida de Sophie é feita desses conflitos, e Alice Munro vai atravessando com o leitor esse labirinto de “funções elípticas e abelianas”, e vai desenhando belamente o retrato de uma mulher vigorosa e delicada, avançada para seu tempo. “Era preciso ser rigoroso, meticuloso, assim como um grande poeta” (MUNRO, 2014, p. 303), diz Weierstrass, o professor de matemática, que reconhece em Sophie “uma mente matemática de primeira”. Exemplos como estes abundam.

## 1 MME. DU CHÂTELET, TRADUTORA DE NEWTON

A *Bibliothèque Nationale de France*, dedicou em 2006 uma exposição à Mme. du Châtelet (1706-1749).<sup>5</sup> A BNF conserva algumas de suas obras, como *Dissertation sur la nature et la propagation du feu* (1744), de natureza científica, ou *Discours sur le bonheur* (escrita entre 1744 e 1746), de natureza filosófica e mais pessoal. Mas o mundo científico concorda em dar-lhe um lugar de honra graças à tradução do latim para o francês, complementada com comentários científicos da mesma tradutora, publicada em 1759, dez anos depois de sua morte, dos *Principia Mathematica*

<sup>4</sup> Nessa mesma academia, o matemático francês Charles-Marie de La Condamine (1701-1774), tinha apresentado, em 1745, o relato de uma viagem através da América do Sul, intercalando descrições da flora e da fauna americana com anotações de latitude e longitude.

<sup>5</sup> MADAME DU CHÂTELET. LA FEMME DES LUMIÈRES. Disponível em: <[http://expositions.bnf.fr/lumieres/pedago/fiche\\_2.pdf](http://expositions.bnf.fr/lumieres/pedago/fiche_2.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2017.

de Newton, cujo manuscrito a BNF conserva cuidadosamente.<sup>6</sup> Mme. du Châtelet tinha um grande talento intelectual, além de uma vontade contínua de conhecimento, que lhe permitia estabelecer relações com cientistas da época como Maupertuis<sup>7</sup> ou Clairaut,<sup>8</sup> e com personagens célebres como Richelieu ou o Conde de Argenson, relações que contribuíram para o seu crescimento científico e para a publicação de algumas das suas obras. Porém, a sua relação com Voltaire foi uma das mais importantes e produtivas. O filósofo e a cientista conviveram durante 15 anos, no famoso castelo de Cirey, possuíram uma imensa biblioteca científica, receberam convidados como Francesco Algarotti, um escritor veneziano que escreveria *Il Newtonianismo per le dame, ovvero Dialoghi sopra la luce, i colori, e l'attrazione* (1739), depois da sua visita a Cirey. Produto dessas discussões com Mme. du Châtelet é também a obra de Voltaire *Éléments de la philosophie de Newton* (1745).

Agnès Whitfield, escreve um capítulo sobre Mme. du Châtelet para a publicação que Jean Delisle dirige em 2002, *Portrait de traductrices* (87-115).<sup>9</sup> Ela apresenta Émilie na sua vida de família, comentando sobre a sua educação, formação e interesse pela matemática graças à biblioteca familiar, a qual seu pai lhe dava acesso, assim como também lhe permitia participar das discussões dos intelectuais e cientistas que frequentavam a casa paterna; isso antes do matrimônio que lhe daria o nome Châtelet. Em seguida, a autora escreve sobre as frutíferas relações com Voltaire. Seguidamente, o conjunto da obra da cientista é enumerado, ensaios científicos, ensaios filosóficos, traduções, incluindo, evidentemente, a sua grande obra, a tradução dos *Principia Mathematica* de Newton. Agnès Whitfield comenta como Newton introduz modificações na sua obra segundo os comentários que recebia cada vez que uma edição era publicada. Por essa razão, as edições não eram consideradas definitivas. Mme. du Châtelet utiliza para sua tradução a terceira edição de 1726 (WHITFIELD, 2002, p. 106).

Mme. du Châtelet não escreveu sobre os procedimentos de tradução, nem escreveu um prólogo de tradutora, para que possa nos iluminar sobre a sua metodologia. Porém, Whitfield traz pelo menos um trecho problemático de Newton e o apresenta de maneira comparada em latim, em inglês, em francês (Mme. du Châtelet), em francês (Biarnais, 1985), tentando compreender a maneira como Mme. du Châtelet traduzia (WHITFIELD, 2002, p. 104-105). Para efeitos deste artigo comentaremos apenas uma palavra. Whitfield diz que na primeira edição Newton utilizou a palavra “*Hypothèse*”, mas que na segunda e terceira edição ele a substituiu por “*Regulæ philosophandi*”,

o primeiro tradutor inglês, Andrew Motte, traduz “*Regulæ philosophandi*” como “*Rules of Reasoning in Philosophy*” [regras de raciocínio em filosofia] [...] e Mme du Châtelet, sempre preocupada pela clareza contextualizada, traduz como “*les règles qu’il faut suivre dans l’étude de la physique*” [regras que devem ser observadas no estudo da filosofia] (WHITFIELD, 2002, p. 106).

A tradução de Mme. du Châtelet procura “esclarecer”, um procedimento com o qual Berman não concordaria. A atividade de tradução é para Mme. du Châtelet um acontecimento, no sentido foucaultiano do termo. Para ela, não se tratava apenas de traduzir palavras e de copiar fórmulas, mas também de verificá-las e de refletir sobre elas; pois ela sentia-se responsável pela transmissão

<sup>6</sup> *Principes mathématiques de la philosophie naturelle par M. Newton, traduit en français avec un commentaire sur les propositions qui ont rapport au système du monde par Madame du Châtelet*. Manuscrit autographe BNF, Manuscrits, Fr 12267.

<sup>7</sup> Maupertuis, filósofo, matemático, astrônomo (*Discours sur les différentes figures des astres*, 1732).

<sup>8</sup> Clairaut, matemático e astrônomo (*Éléments de géométrie*, 1741).

<sup>9</sup> WHITFIELD, Agnès. Mme. Du Châtelet, traductrice de Newton, ou la “traduction-confirimation”. In: DELISLE, Jean (dir.). *Portraits des traductrices*. Presses de l’Université d’Ottawa, 2002. p. 87-115.

de um conhecimento novo e de grande importância para o desenvolvimento do pensamento científico da época, de maneira que a sua tradução pode ser considerada também de natureza pedagógica.

Entre as traduções para o francês de Mme. du Châtelet, de 1759, e a de Biarnais, de 1985, transcorrem mais de 200 anos. Isso significa que durante dois séculos Newton foi lido em língua francesa através da tradução de Mme. du Châtelet. É de suma importância lembrar que, no Século das Luzes, a língua francesa era a língua da intelectualidade e do saber na Europa ocidental. Mme. du Châtelet tem um capítulo bem merecido na história da tradução e na história da Ciência.

## 2 LEWIS CARROLL: O MATEMÁTICO E A LITERATURA INFANTIL

Lewis Carroll (1832-1898) é reconhecido e comemorado por ter sido o autor do clássico da literatura infantil *Alice's adventures in wonderland* (*Alice no País das Maravilhas*), obra construída sobre um universo surpreendente, fantástico e imaginário, e uma das mais traduzidas e adaptadas. Ao lado de *Peter Pan*, escrito por J. M. Barrie, e de *O Pequeno Príncipe*, de Saint Exupéry, é um dos títulos que inauguram a literatura infantil.

Surpreendente e curioso também é o fato de Carroll, pseudônimo do britânico Charles Lutwidge Dodgson, ter sido um matemático, que sempre aliou ciência e liberdade de criação literária. De 1855 a 1881, período em que foi professor da Universidade de Oxford, Carroll procurou desenvolver estratégias didáticas que facilitassem a aprendizagem através da elaboração de jogos de linguagem para seus alunos.

Estas mesmas estratégias são utilizadas na composição de *Alice*, o que torna a obra inusitada, tão inusitada quanto seu contexto de criação, uma vez que foi elaborada de forma oral por Carroll durante um passeio de barco no rio Tâmsa em 1862, para Alice, homônima da personagem principal, e uma das três irmãs Lidell, filhas de Henry George Lidell, vice-reitor da Universidade de Oxford e amigo de Carroll. Posteriormente, transcrito sob a forma de uma narrativa com ilustrações de John Tenniel e acrescido de alguns capítulos, o livro foi editado oficialmente no ano de 1866, embora conte com uma edição datada de 1865, retirada do mercado no mesmo ano porque a qualidade da impressão não havia sido aprovada por Tenniel.

Assim como utilizava os recursos da linguagem nas aulas em Oxford, Carroll utilizou a matemática para a escrita literária, o que se realiza, no texto de *Alice*, através da inserção de enigmas, jogos de palavras com numerais e ironias que dão à obra um tom aparentemente absurdo. Esse tom absurdo é discutido por estudiosos das ciências exatas, como destaca Ana Gerschenfeld (2016),<sup>10</sup> citando Martin Gardner (1960),<sup>11</sup> Helena Pycior (1984)<sup>12</sup> e Melanie Bayley (2009),<sup>13</sup> que observam na escrita de Carroll um subtexto crítico, reflexo de seu posicionamento acerca da então nascente álgebra moderna.

---

<sup>10</sup> GERSCHENFELD, Ana. Em *Alice no país das maravilhas matemáticas*, menciona outros autores como Martin Gardner (1960), Helena Pycior (1984) e Melanie Bayley (2009). Disponível em: <<https://www.publico.pt/2016/03/21/ciencia/noticia/alice-no-pais-das-maravilhas-matematicas-1726556>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

<sup>11</sup> Martin Gardner publicou o livro "The Annotated Alice" em 1960, no qual discute, entre outros temas, os conceitos matemáticos presentes na narrativa.

<sup>12</sup> Helena Pycior publicou em 1984 o artigo "At the Intersection of Mathematics and Humor: Lewis Carroll's 'Alice's' and Symbolical Algebra". In: *Victorian Studies Journal*, Bloomington, v. 28, n.1, p. 149-170, Autumn, 1984. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/i293963>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

<sup>13</sup> Melanie Bayley publicou em 2009 o artigo "Alice's adventures in algebra: Wonderland solved". In: *New Scientist Magazine*, Issue 2739, Dec. 2009. Disponível em: <<https://www.newscientist.com/article/mg20427391-600-alices-adventures-in-algebra-wonderland-solved/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

Duas linguagens, a gramatical e a matemática, são conjugadas para expressar um universo que conforma uma mágica, que atrai milhares de leitores de todas as idades e épocas. Essa mágica é elaborada através de questões que remetem aos conceitos básicos da lógica, da álgebra e da geometria, evidenciados através da personificação de números, dos contrastes de medidas, das alusões a espaço e tempo, figuras geométricas e ângulos, que podem ser acessados através da tradução.

É através da tradução/adaptação de Monteiro Lobato, pela Companhia Editora Nacional, que *Alice* ingressa no cenário brasileiro em 1931. A partir de sua estreia, seguiram-se várias outras traduções, entre elas a de Sebastião Uchôa Leite (Summus, 1980), Ana Maria Machado (Ática, 1997), Maria Luiza de X. Borges (Jorge Zahar, 2002), Nicolau Sevckenko (Cosac Naify, 2009), Maria Luiza Newlands Silveira (Moderna, 2010) e a recente tradução de uma adaptação de Alice publicada por Macmillan & Co. Ltda em 1903, elaborada por Dirce Waltrick do Amarante (Rafael Copetti, 2015).

Curiosamente, as traduções divergem no enfoque dado ao olhar matemático, ora enfatizando, ora efetuando o apagamento. Exemplo disso se encontra no capítulo oito, intitulado em inglês “*The Queen’s croquet ground*” e que no português é traduzido como “O campo de croqué da Rainha” por Maria Luiza de X. Borges (CARROLL, 2002, p. 92), assim como por Maria Luiza Newlands Silveira (CARROLL, 2010, p. 125). Neste capítulo são descritas várias figuras construídas a partir das cartas de baralho, jogo muito comum e prestigiado na Inglaterra vitoriana, época na qual *Alice* foi escrita. Compostos desta maneira, os personagens instigam o raciocínio e permitem explorar a geometria e a aritmética, aspectos que merecem atenção no tocante à seleção lexical que envolve o processo de reescrita. Desta forma, após explicar para Alice a razão de estarem pintando de vermelho as rosas brancas do jardim, os jardineiros (cartas de baralho personificadas), cujos nomes são números, observam a chegada do cortejo real, assim descrito no texto de partida:

First came ten soldiers carrying **clubs**, with their hands and feet at the corners; next the ten courtiers; these were ornamented all over with **diamonds**. After these came the royal children; there were ten of them, all ornamented with **hearts**. Next came the guests, mostly Kings and Queens, and among them Alice recognized the White Rabbit. Then followed the **Knave of Hearts**, carrying the King’s crown on a crimson velvet cushion; and last of all this grand procession came **THE KING AND THE QUEEN OF HEARTS** (CARROLL, 2006, s/p., grifo nosso).

Na tradução de Borges, a descrição remete a figuras geométricas, conforme segue:

Primeiro vieram dez soldados carregando **paus**; tinham todos o mesmo formato dos três jardineiros, eram alongados e chatos, com as mãos e os pés nos cantos. Em seguida, os dez cortesãos; estes estavam enfeitados com **losangos vermelhos** da cabeça aos pés e caminhavam dois a dois, tal como os soldados. Atrás vieram os infantes reais; eram dez, e os queridinhos vinham saltitando alegremente de mãos dadas, aos pares: estavam todos enfeitados com **corações**. Depois vinham os convidados, na maioria Reis e Rainhas, e entre eles Alice reconheceu o Coelho Branco: falava depressa, nervosamente, sorria de tudo que era dito e passou sem a notar. Seguiu-os o **Valete de Copas**, transportando a coroa do Rei numa almofada de veludo vermelho; e por fim, fechando esse grande cortejo, **VIERAM O REI E A RAINHA DE COPAS** (CARROLL, tradução BORGES, 2002, p. 94, grifo nosso).



A tradução de Silveira, por sua vez, procura se aproximar do texto de partida, utilizando uma seleção lexical mais próxima ao jogo de cartas:

Primeiro, vieram dez soldados vestindo **paus**; tinham o mesmo formato dos três jardineiros, retangulares e achatados, com as mãos e os pés nos cantos do corpo: em seguida, os dez cortesãos; estes estavam enfeitados com **ouros** de cima a baixo, e caminhavam de dois em dois, como soldados. Depois, os infantes reais: eram dez e vinham aos pares, saltitando alegremente de mãos dadas; estavam enfeitados de **corações** vermelhos. Atrás vinham os convidados, a maioria Reis e Rainhas, e entre eles Alice reconheceu o Coelho Branco, falando depressa, nervoso, sorrindo a tudo o que se dizia, e que passou sem reparar nela. Então, surgiu o **Valete de Copas**, trazendo a coroa do Rei sobre uma almofada de veludo carmesim; e, finalmente, encerrando o grande cortejo, vinham o **REI E A RAINHA DE COPAS** (CARROLL, tradução SILVEIRA, 2010, p. 127, grifo nosso).

Percebe-se, nas duas traduções, a manutenção das quantificações expressas pelos numerais. No entanto, enquanto na primeira a escolha recai sobre paus/losangos vermelhos/corações/valete de copas/rei e rainha de copas, a segunda opta por paus/ouros/corações/valete de copas/rei e rainha de copas o que coerentemente parece reforçar a presença do jogo. Chama a atenção, ainda, a explicitação no português sobre o formato dos três jardineiros, uma vez que o texto de partida se limita a afirmar: “First came ten soldiers carrying clubs, with their hands and feet at the corners” enquanto as traduções optam por “Primeiro vieram dez soldados carregando paus; tinham todos o mesmo formato dos três jardineiros, eram alongados e chatos, com as mãos e os pés nos cantos” e “Primeiro, vieram dez soldados vestindo paus; tinham o mesmo formato dos três jardineiros, retangulares e achatados, com as mãos e os pés nos cantos do corpo”, que mais se aproxima da tradução para o espanhol: “Primero aparecieron diez soldados, enarbolando tréboles. Tenían la misma forma que los tres jardineros, oblonga y plana, con las manos y los pies en las esquinas” (CARROLL, 2003, p. 75).<sup>14</sup> Esta explicitação sugere não apenas a possibilidade de uma tradução indireta, via espanhol, mas também fatores complexos relacionados à elaboração da linguagem gramatical utilizada para o público infantil do contexto de chegada, no intuito de preservar a linguagem matemática. Isso, por sua vez, reforça as muitas perspectivas e curiosidades em torno desta obra e do seu autor, e das implicações para o tradutor e não deixa de ser um convite instigante para leituras e releituras deste complexo imaginário por crianças de todas as idades.

### 3 A ESCRITA POÉTICA DE UM MATEMÁTICO: NICANOR PARRA

A relação que queremos fazer visível entre a matemática, a tradução e a literatura está também na escrita de Nicanor Parra (1914-2018), matemático e físico, poeta consagrado no Chile, e reconhecido com o prêmio literário Cervantes em 2011. Atualmente, Parra é célebre internacionalmente por sua obra poética. Seu primeiro livro, *Cancionero sin nombre*, foi publicado em 1937, e sua publicação mais recente é o livro *El último apaga la luz* (2017). Também o ano 2017 viu, por primeira vez, a obra de Parra traduzida para o francês por Bernard Pautrat.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> CARROLL, Lewis. *Alicia en el país de las maravillas*. Madrid: Ediciones del Sur, 2003. Disponível em: <<https://www.ucm.es/data/cont/docs/119-2014-02-19-Carroll.AliciaEnElPaisDeLasMaravillas.pdf>>, Acesso em: 9 nov. 2017.

<sup>15</sup> PARRA, Nicanor. *Poèmes et antipoèmes: anthologie 1937-2014*. Traduction de Bernard Pautrat. Paris: Seuil, 2017.

Ainda nesse ano temos anunciada uma tradução para o português por Nélida Piñon, imortal da Academia Brasileira de Letras, que nasceu em 1937, no mesmo ano em que Parra apresentou sua memória para obter o título de professor de matemática e física pela *Universidad de Chile*.

O que convoca a traduzir Nicanor Parra é sua obra literária. Resgatamos aqui, no entanto, uma faceta desse autor, que perpassa o mundo das exatas e que ofereceu ao poeta material para sua poesia. Em 1937, antes de ser um poeta reconhecido, o jovem Nicanor Parra, aspirante ao título de físico-matemático pela Universidad de Chile, demonstrava seu talento literário. Comentaremos alguns aspectos pertinentes à linguagem utilizada por Parra ao escrever seu trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado *René Descartes, datos biográficos, estudio de su obra, juicios críticos – Memoria para optar al grado de professor de Matemáticas y Física, Universidad de Chile*, defendido em 1937.

O TCC de Parra foi resgatado no livro *Antiprosas* (2015), publicação recente que reúne vários textos em prosa do autor. A apresentação do livro foi feita por Carlos Peña, que, em *Las huellas tempranas de la antipoesía*, explicita que esse texto escrito para as áreas das exatas pode ser considerado precursor de um futuro projeto poético parriano:

Chama a atenção a qualidade de escrita, clara, direta, com recursos tomados da fala do cotidiano, cheio do que mais tarde se chamaria parriano, como se, por alguma estranha razão, um jovem Parra já estivesse persuadido de que a única maneira de voz para os versos é resgatar a fala do coletivo (PEÑA, 2015, p. 18).<sup>16</sup>

Através dessa citação, é perceptível que desde o prólogo articula-se uma voz enunciativa que se dirige ao leitor em um tom de conversa, com uma escrita precisa e com uma organização impecável. É um texto que desmistifica a necessidade de citações intermináveis para dar um tom acadêmico. Está distante de um trabalho matemático cheio de demonstrações de soluções de equações complicadas para um leitor leigo na matéria. Portanto, o que nos interessa aqui enfatizar é como vemos essa escrita, como a percebemos, uma vez que não somos matemáticos. É o literário que percebemos nesse texto. O autor evita os tecnicismos da matemática e concentra-se em aspectos humanísticos. De forma evidente, comunica uma vontade de dialogar com um possível leitor.

A página de agradecimentos é sucinta e objetiva sem deixar de ser afetuosa, diz:

A ciência aborda o mundo do real  
A filosofia, além disso, o do possível  
Ao Sr. Amador Alcayaga, ilustre educador chileno<sup>17</sup> (PARRA, 2015, s.p).

O prólogo é um convite à leitura, um texto que motiva o leitor e se dirige aos corações sedentos de saber. Essa escrita instigante inicia assim:

Assim como quando a gente vai ao correio e na rua encontra com um amigo e vai com ele dar uma volta na praça, acontece que eu fiquei no meio do caminho

---

<sup>16</sup> “Llama la atención en el texto la calidad de la escritura, llana, directa, con recursos tomados del habla cotidiana, lleno de lo que más tarde se llamaría parriano, como si, por alguna extraña razón, un joven Parra ya estuviera persuadido de que la única forma de habla de versos es echar mano al habla colectiva” (PEÑA, 2015, p. 18).

<sup>17</sup> “La ciencia aborda el mundo de lo real / La filosofía, además, el de lo posible. /A don Amador Alcayaga, ilustre educador chileno/” (PARRA, 2015, s.p).



dessa tarefa. Como o menino que quer levantar cem quilos e não pode nem com a metade (PARRA, 2015, p. 91).<sup>18</sup>

Nesse texto, que antecede a introdução do trabalho, o autor expõe seu projeto inicial, suas dúvidas e as mudanças que fez para chegar ao texto final. Nessas três páginas ocorre uma motivação ao tema que Nicanor Parra desenvolveu ao longo das, por ele anunciadas, “100 e tantas páginas”. Em uma espécie de diálogo, o escritor do trabalho confia certas dúvidas, incertezas e descreve o percurso. Na introdução, o tom de conversa continua, porém se entra na matéria na qual se detém o pesquisador e futuro professor de ciências.

A seção que segue a introdução se remete ao momento histórico; o autor localiza o seu leitor no contexto que diz respeito à Idade Moderna e contrasta esse momento com a Idade Média. Traçando um panorama do século XVI, remete à divisão do mundo entre as concepções de Platão e Aristóteles, polêmica que, de acordo com Nicanor Parra, se localiza nas primeiras etapas do movimento renascentista (PARRA, 2015, p. 100). A seção que se dedica a René Descartes, tem como título “El hombre”. Nela, de forma bastante singular, o escritor descreve fisicamente Descartes: “Baixa estatura, cabeça grande, abundante e longa cabeleira negra” (PARRA, 2015, p. 103).<sup>19</sup> São selecionados alguns fatos da biografia de Descartes e o autor comenta sobre como o filósofo, objeto do seu TCC, administrou a religiosidade sem prejudicar reflexões filosóficas.

Depois de várias páginas introdutórias, Parra inaugura a seção que tem como título “Descartes Matemático”. Podemos, assim, nos remetermos ao século XVII, no auge da revolução científica, para refletir sobre a escolha primordial feita por um Parra que anos mais tarde se tornaria o poeta chileno que desestabilizaria a lírica e instigaria a desconstrução da poesia atrelada à metáfora. Portanto, se em Descartes temos a introdução de “o método científico” para analisar e pensar o fazer ciência, podemos perceber que o “projeto poético” de Parra é constructo de suas leituras filosóficas e, no âmbito da sua vivência como matemático, estão elementos que podem ser importantes para mais tarde desenvolver-se um novo pensar a poesia. Se na escrita poética de Nicanor Parra estão os signos que habitam a linguagem matemática (+, =), chama atenção o fato de que no trabalho de Parra para obter o grau de matemático e físico, não temos uma escrita repleta de equações ou signos específicos. O texto se desenvolve com um tom reflexivo. O eu enunciativo do trabalho discorre sobre o ofício de – justamente – escrever um trabalho acadêmico que abarque a figura de René Descartes e sua obra.

Sobre a carreira que é fruto desse TCC, a de matemático e físico, Marcelo Porta, um ex-aluno, comenta:

Nicanor Parra foi praticamente toda a sua vida professor de Matemática e Física, posteriormente deu aulas de Literatura para o Departamento de Estudos Humanísticos (DEH) da Faculdade de Ciências Físicas e Matemáticas da Universidade do Chile, entre 1972 e 1994. Sem abandonar sua paixão pela ciência, matemática e física, vem a ser antipoeta (PORTA, 2015, s.p.).<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> “Así como cuando uno va al correo y en la calle se encuentra con un amigo y se va con él a dar una vuelta por la plaza, resulta que me he quedado yo a medio camino en esta empresa. Como el muchacho que quiere levantar cien kilos y no puedo con la mitad” (PARRA, 2015, p. 91).

<sup>19</sup> “Estatura escasa, cabeza grande, abundante y caída cabellera negra” (PARRA, 2015, p. 103).

<sup>20</sup> “Nicanor Parra fue prácticamente toda una vida profesor de Matemáticas y Física, posteriormente dictó clases de Literatura para el Departamento de Estudios Humanísticos (DEH) de la Facultad de Ciencias Físicas y Matemáticas de la Universidad de Chile, entre 1972 y 1994. Sin abandonar su pasión por la ciencia, matemáticas y física, deviene antipoeta” (PORTA, 2015, s.p.).

Somado ao trabalho docente, um dos aportes para a área das exatas é a tradução para o espanhol do livro *Fundamentos de la física* (1969) de Robert B. Lindsay e Henry Margenau.<sup>21</sup> O que mostra, na trajetória de Nicanor Parra, o tema principal deste artigo, os laços que existem entre a literatura, a matemática e a tradução.

## À MANEIRA DE CONCLUSÃO

Parra, como a maioria dos poetas, e como já foi mencionado, também incursionou na tradução. Para a sua tradução do *Rei Lear* de Shakespeare,<sup>22</sup> foi tal a imersão de Parra dentro do texto de Shakespeare, que chegou mesmo a dar instruções para os atores. Sobre essa tradução, que foi uma encomenda, afirma Maria de la Luz Hurtado, professora do departamento de Filosofia e Humanidades da Universidad de Chile, que “virou uma contribuição para toda a língua castelhana e mesmo para a filologia shakespeariana”.<sup>23</sup> Da mesma forma, Lewis Carroll, a partir dos jogos matemáticos inseridos num conto inventado para umas meninas, contribuiu e seguirá contribuindo para a imaginação de crianças e adultos do mundo todo, sempre e quando as traduções mantenham a perspicácia implícita ou explícita nos enigmas matemáticos, nos jogos dos opostos e nas junções de significação das palavras-valise. Esses jogos permitem uma leitura do mundo que é transgressora sem ser violenta, desenvolvem nos leitores uma capacidade verbal e um estado de espírito para relacionar realidade e ficção sem causar nenhum prejuízo; ao contrário, levando ao desenvolvimento de uma “competência humorística”.<sup>24</sup> Em relação à seção de Mme. du Châtelet, que pertence, ao mesmo tempo, à história da tradução e à história das ciências, a física newtoniana seguramente não teria conseguido ser difundida no Ocidente, de maneira quase contemporânea ao próprio Newton, sem o trabalho dedicado e sem limites dessa mulher de letras e de ciências.

Muitos outros casos ficam por estudar, como o de Augusta Ada Byron, lady Lovelace (1815-1852),<sup>25</sup> filha do autor do célebre poema *Don Juan*, Lord Byron, e de seu curto matrimônio com Annabella. Ada é conhecida e lembrada por ser uma das primeiras cientistas a desenvolver uma linguagem da programação, que ela mesma chama de “ciência poética”. Mas é ainda mais célebre pela tradução<sup>26</sup> – Georgina Ferry acrescenta com “colaboração”, pelos apêndices que ela escreveu como complemento para a tradução para o inglês de *Notions sur la machine analytique de M. Charles Babbage* de Luigi Menabrea (1843).<sup>27</sup> Ela ocupa, pois, um lugar primordial na história das ciências, ao lado de Charles Babbage<sup>28</sup> (1791-1871) – conhecido como “o pai da computação” –, e na história da tradução.

A História, em geral, tem ainda muitas lacunas para preencher. Estas lacunas se relacionam, conseqüentemente, à história da tradução. Felizmente, um dos caminhos que a tradutologia con-

<sup>21</sup> Publicado por Ediciones de la Universidad de Chile, Santiago de Chile (1969). Disponível em: <https://www.abebooks.com/servlet/SearchResults?bsi=120&sortby=17&tn=fundamentos+fisica&prevpage=1>. Acesso em: 23 nov. 2017.

<sup>22</sup> SHAKESPEARE. *Lear Rey & Mendigo*. Trad. de Nicanor Parra. Universidad Diego Portales: Santiago, 2005.

<sup>23</sup> HURTADO, Maria de la Luz. Parra traduce a Shakespeare. In: *Apuntes*, Santiago, n. 103, otoño de 1992. Disponível em: <<https://www.nicanorparra.uchile.cl/estudios/shakespeare.html>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

<sup>24</sup> Veja-se Margarida Mouta, “Os jogos de linguagem e aquisição de uma «competência humorística» em PLE”. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade de Porto*, v. 2, p. 77-102, 2007.

<sup>25</sup> Marcelo Sobottka, professor de matemática da UFSC, que teve a gentileza de ler partes desse artigo, nos chamou a atenção sobre Augusta Ada Byron.

<sup>26</sup> FERRY, Ada Georgina. Lovelace: in search of “a calculus of the nervous system”. *The Lancet*, v. 386, n. 10005, p. 1731, 31 October 2015.

<sup>27</sup> C. Hollings et al. *Historia Mathematica*, v. 44, p. 203, 2017.

<sup>28</sup> Charles Babbage. *On the Principles and Development of the Calculator and Other Seminar Writings*. Edited and with an Introduction by Philip Morrison and Emily Morrison. Dover Publications, 2012.

temporânea tem empreendido diz respeito a este aspecto. Os tradutores conseguem ver nos fatos históricos perspectivas inéditas, que só alcançam visibilidade a partir do estudo do ato tradutório em todos seus contextos.

## REFERÊNCIAS

ABEBOOKS.COM. Disponível em: <<https://www.abebooks.com/servlet/SearchResults?bsi=120&sortby=17&tn=fundamentos+fisica&prevpage=1>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

BAYLEY, Melanie. Alice's adventures in algebra: Wonderland solved. *New Scientist Magazine*, Issue 2739, Dec. 2009. Disponível em: <<https://www.newscientist.com/article/mg20427391-600-alices-adventures-in-algebra-wonderland-solved/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Dirce Walrick do Amarante Borges da adaptação anônima de 1903 publicada pela editora Londrina Macmillan & Co. Ltda. São Paulo: Rafael Copetti, 2015.

CARROLL, Lewis. *Alice's adventures in wonderland*. The Project Gutenberg EBook, 2006. Disponível em <<https://archive.org/stream/alicesadventures19033gut/19033.txt>>. Acesso em: 8 out. 2017.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Maria Luiza Newlands Silveira. São Paulo: Moderna, 2010.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Maria Luiza de X. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984. [Primeira edição 1931].

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Sebastião Uchôa Leite. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Nicolau Sevcenko. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Ana Maria Machado. São Paulo: Ática, 1997.

CARROLL, Lewis. *Alicia en el país de las maravillas*. Madrid: Ediciones del Sur, 2003. Disponível em: <<https://www.ucm.es/data/cont/docs/119-2014-02-19-Carroll.AliciaEnElPaisDeLasMaravillas.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

FERRY, Ada Georgina. Lovelace: in search of “a calculus of the nervous system”. *The Lancet*, v. 386, n. 10005, p. 1731, 31 October 2015.

GARDNER, Martin. *The Annotated Alice: Alice’s Adventures in Wonderland & Through the Looking Glass* by Lewis Carroll. New York, Bramhall House, 1960.

GERSCHENFELD, Ana. *Alice no país das maravilhas matemáticas*. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2016/03/21/ciencia/noticia/alice-no-pais-das-maravilhas-matematicas-1726556>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

HOLLINGS, Christopher; MARTIN, Ursula; RICE, Adrian. The lovelace: de Morgan mathematical correspondence: a critical re-appraisal. *Historia Matematica*, v. 44, p. 202-231, 2017.

HURTADO, Maria de la Luz. Parra traduce a Shakespeare. In: *Apuntes*, Santiago, n. 103, otoño de 1992. Disponível em: <<https://www.nicanorparra.uchile.cl/estudios/shakspeare.html>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

MADAME DU CHÂTELET. LA FEMME DES LUMIÈRES. Disponível em: <[http://expositions.bnf.fr/lumieres/pedago/fiche\\_2.pdf](http://expositions.bnf.fr/lumieres/pedago/fiche_2.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2017.

MOUTA, Margarida. Os jogos de linguagem e aquisição de uma « competência humorística » em PLE. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade de Porto*, v. 2, p. 77-10, 2007.

MUNRO, Alice. Felicidade demais. In: *Felicidade demais*. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Schwarcz S.A., 2014. p. 277-339.

PARRA, Nicanor. *Antiprosas*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2015.

PARRA, Nicanor. *Poèmes et antipoèmes: anthologie 1937-2014*. Traduction de Bernard Pautrat. Paris: Seuil, 2017.

PEÑA, Carlos. Las huellas tempranas de la antipoesía. In: PARRA, Nicanor. *Antiprosas: las huellas tempranas de la antipoesía*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2015. p. 9-21.

PYCIOR, Helena. At the intersection of mathematics and humor: Lewis Carroll’s ‘Alice’s’ and Symbolical Algebra. *Victorian Studies Journal*, Bloomington, v. 28, n. 1, p. 149-170, Autumn, 1984. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/i293963>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

PIGLIA, Ricardo. *Prisión perpetua*. Buenos Aires: Sudamericana, 1988.

PIGLIA, Ricardo. *La ciudad ausente*. Buenos Aires: Sudameris, 1992.

PORTA, Marcelo. Sobre clases y fotografías de Nicanor Parra. *Revista Chilena de Literatura*, Santiago, n. 91, nov. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-22952015000300017](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22952015000300017)>. Acesso em: 24 nov. 2017.

SHAKESPEARE. *Lear Rey & Mendigo*. Trad. de Nicanor Parra. Universidad Diego Portales: Santiago, 2005.

WHITFIELD, Agnès. Mme. Du Châtelet, traductrice de Newton, ou la “traduction-confirmation”. In: DELISLE, Jean (dir.). *Portraits des Traductrices*. Presses de l’Université d’Ottawa, 2002. p. 87-115.